

# Análise do discurso de Kim Kataguiiri na Folha de S. Paulo, no processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff

Analysis of Kim Kataguiiri's the Folha de S. Paulo, speech in the impeachment process of President Dilma Rousseff

El análisis del discurso de Kim Kataguiiri en Folha de S. Paulo, en el proceso de impeachment de la presidenta Dilma Rousseff

Recebido em: 30/05/2019

Aceito em: 28/02/2021

DOI: 10.46952/rebej.v10i27.314

## RESUMO

Neste trabalho são analisados os discursos de Kim Kataguiiri durante o processo de *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff. Foram selecionados 26 textos publicados entre 19/01 e 30/08 de 2016, no site da Folha de S. Paulo. Com objetivo de problematizar a construção da realidade por meio das *palavras de ordem*, buscou-se evidenciar o discurso no interior de um dispositivo, a mídia. Não está em questão a análise do conteúdo do discurso, mas sim as relações de poder em um determinado campo discursivo, tornando possível o dizer. Essa ênfase às relações que possibilitam determinados dizeres, insere este trabalho no método da análise do discurso. Utiliza-se a teoria de Michel Foucault, sobretudo o conceito do discurso enquanto prática social de controle e produção de subjetividade. Na coluna de Kim, o que é partilhado é um sentido que inscreve o PT e a ex-presidenta no que há de pior na sociedade.

## PALAVRAS-CHAVE

Linguagem. Jornalismo. Discurso. Impeachment.

## ABSTRACT

This paper analyzes the speeches in Kim Kataguiiri during the impeachment process of the former President Dilma Rousseff. Twenty-six texts were selected between January 19 and August 30, 2016, on the Folha de S. Paulo newspaper website. In order to problematize the construction of reality through the order-words, which have an imperative function and control of meaning, we tried to highlight the discourse within a device (press) by which it allows the exercise of power, regulating what can be seen and said. The content of discourse is not in question, but rather the relations of power in a given discursive field making it possible to say everything. In this epistemological way, prioritizing Michel Foucault's theory, discourse becomes an event. In this way, the discourse is not a mere medium that would represent the fact to a receiver, but rather a social practice of control and discipline of the reality of which the subject shares. In Kim's column, what is shared is the discursive object that inscribes the PT and President Dilma in what is worse in society.

## KEYWORDS

Language. Journalism. Speech. Impeachment.

## RESUMEN

En este trabajo se analizan los discursos de Kim Kataguiiri durante el proceso de impeachment de la ex-presidenta Dilma Rousseff. Se seleccionaron 26 textos publicados entre 19/01 y 30/08 de 2016, en el sitio del diario Folha de S. Paulo. Con el objetivo de problematizar la construcción de la realidad por medio de las palabras de orden, que tienen función imperativa y de control del sentido, se buscó evidenciar el discurso en el interior de un dispositivo (prensa) por el cual permite el ejercicio del poder, regulando lo que se puede ver y decir. No está en cuestión el contenido del discurso, sino las relaciones de poder en un determinado campo discursivo haciendo posible todo decir. En ese camino epistemológico, priorizando la teoría de Michel Foucault, el discurso se convierte en un acontecimiento. De esta forma, el discurso no es un mero medio que representaría el hecho para un receptor, sino una práctica social de control y disciplina de la realidad de que comparte el sujeto. En la columna de Kim, lo que es compartido es el objeto discursivo que inscribe el PT y la presidenta Dilma en lo que hay de peor en la sociedad.

## PALABRAS CLAVE

Lenguaje. Periodismo. Discurso. Juicio político.

## José Isaías Venera

Doutor em Ciências da Linguagem.

[j.i.venera@gmail.com](mailto:j.i.venera@gmail.com)

## Daniel Schiavoni

Mestrando em Ciências da Comunicação da Universidade do Minho, Portugal.

[daniel.schia@gmail.com](mailto:daniel.schia@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

A eleição presidencial de 2014 teve o resultado mais apertado dos últimos 25 anos<sup>1</sup>, reelegendo a presidenta Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT). A disputa partidária elevou o tom do debate político e, logo após o resultado das urnas, grupos descontentes começaram a organizar manifestações pedindo a saída da mandatária. A princípio, poder-se-ia supor que seguiam a lógica dos protestos de 2013, quando partidos políticos foram destituídos do protagonismo dos atos de rua. As “Jornadas de Junho” (MARICATO, 2013) fizeram emergir novos movimentos até então desconhecidos da mídia *mainstream* e que, alguns deles, passariam a liderar protestos nos anos seguintes, mas desta vez com foco bem definido e com grande visibilidade na mídia corporativa. A imprensa de grande circulação legitimou a existência desses grupos que se posicionavam radicalmente contrários ao governo de Dilma Rousseff e, sobretudo, ao PT, dando voz a seus líderes.

O que se apresenta pertinente à análise é justamente a posição discursiva desses líderes que ganham visibilidade nos jornais de grande projeção. É essa relação entre discurso e poder que ganha centralidade neste trabalho. Por meio de um jornal, se exerce o poder ao dar visibilidade a um campo discursivo que concentra o olhar para uma determinada interpretação sobre a realidade – neste caso, a realidade política do país.

Nesse contexto, foram selecionados os artigos do colunista<sup>2</sup>, à época, Kim Kataguiri durante o processo de *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff. Ao todo, 26 textos foram publicados entre 19/01 e 30/08 de 2016, no jornal Folha de S. Paulo. Kim, então coordenador nacional do Movimento Brasil Livre (MBL), publicou semanalmente sua coluna na versão online do jornal.

Ao analisar as relações que possibilitaram Kim ser colunista da Folha de S. Paulo, evidenciamos um dos princípios da noção de poder em Foucault, de que ele – o poder – não está nas instituições ou no sujeito, mas depende de uma relação que se estabelece. Para Foucault, quando o sujeito “é colocado em relação de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas” (1985, p. 232). Nessa via, a posição discursiva de Kim se integra a uma rede de produção de sentido, como sua inserção no Movimento Brasil Livre (MBL), tornando possível sua participação como colunista no veículo.

No discurso de Kim, há a produção de um sentido “demonizado” do que é a esquerda na política, o PT e a presidenta Dilma, o que nos leva a analisar sua coluna na Folha de S. Paulo – veículo que se configura como um dispositivo de controle do discurso social – como um dos procedimentos de fabricação da verdade no debate social. Na perspectiva foucaultiana, podemos entender tanto a coluna quanto a inserção do veículo na sociedade como um dos meios pelos quais se busca controlar as práticas sociais. Para Foucault (1996, p.8), “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes, dominar seu conhecimento aleatório”.

<sup>1</sup> Ver: < <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/blog/eleicao-em-numeros/post/brasil-tem-eleicao-para-presidente-mais-apertada-desde-1989.html> >. Acesso em: 01 de abr. 2017.

<sup>2</sup> Colunista refere-se, na classificação proposta por Melo (1994), ao jornalismo opinativo, gênero que integra: o editorial, o comentário, o artigo, a resenha, a coluna, a crônica, a caricatura e as cartas. O colunista não precisa necessariamente ser jornalista, como é o caso de Kim.

Mais do que a produção de uma verdade discursiva, ou seja, o objeto inventado discursivamente, ele se constitui por um conjunto de enunciados de funcionam como palavras de ordem – como observou Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) –, imperativos que sentenciam, dão comandos, que impelem o receptor a agir.

## 2 CONTEXTO HISTÓRICO

Após as manifestações de junho de 2013<sup>3</sup>, diversos movimentos que conectavam a internet com as ruas surgiram no Brasil se destacaram estendendo suas ações para novos eventos. Grupos como o “Movimento Brasil Livre”, “Vem pra rua” e “Revolutados Online” começavam a ganhar força, seguindo a mesma forma de mobilização de coletivos de esquerda, como o “Movimento Passe Livre”, mas com um ideário completamente oposto. Apesar de algumas diferenças entre si, esses grupos tinham como alvo o governo de Dilma Rousseff e o Partido dos Trabalhadores (PT).

Em meio ao período eleitoral de 2014, denúncias de corrupção traziam novamente o PT para o centro das críticas. Após a reeleição acirrada da candidata petista, 2015 começou com manifestações massivas nas ruas dos grandes centros pedindo a saída da presidenta.

O MBL organizou uma marcha à Brasília para pedir a abertura do processo de *impeachment* contra a presidenta Dilma Rousseff. Eduardo Cunha, então presidente da Câmara dos Deputados, aceitou o pedido de *impeachment* no dia 02/12/15 e, em 13/12/15, São Paulo registrou a maior manifestação em apoio à saída de Dilma Rousseff. Abertamente apoiado pela Federação da Indústria do Estado de São Paulo (FIESP) e outras entidades de classe, o protesto contou com trios elétricos, um pato de borracha gigante e bandas tocando marchinhas. Os manifestantes usavam roupas verde-amarelo ou camisas da seleção brasileira de futebol. Não foram registrados incidentes com a polícia.

Nas ruas, manifestações de grupos favoráveis e contrários ao *impeachment* ganhavam tamanhos e significados distintos na cobertura midiática: enquanto protestos de grupos favoráveis à saída de Dilma recebiam fotos de capa e cobertura ao vivo pela televisão, os manifestantes contrários ao impedimento eram frequentemente criminalizados ou apenas ignorados por grande parte da imprensa.

À medida que as etapas do *impeachment* passavam e eram aprovadas na Câmara e no Senado, o debate acerca da legalidade e legitimidade do processo continuava. Quem defendia a manutenção do governo afirmava que o processo era um golpe parlamentar. Os partidários da saída da presidenta alegavam a existência de precedentes jurídicos para o *impeachment*.

Apesar de concluído o processo e da saída de Dilma Rousseff, em 31 de agosto de 2016, ecos desse debate ainda estão presentes na sociedade brasileira.

---

<sup>3</sup> Entre as análises dos protestos de junho de 2013, Venera (2017). Ver: <<https://www.riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/4732/Tese%20Jose%20Isaias%20Venera.pdf?sequence=5&isAllo-wed=y>>. Acesso em: 01 mar. 2021.

### 3 DISCURSO, PODER E PALAVRAS DE ORDEM

O estudo da comunicação tem como um de seus debates mais polissêmicos a busca por definir o recorte de seu objeto (VENERA, 2019). O que se configura como objeto de investigação da comunicação? Questão que passa também pela definição do que é comunicação. Entre os estudiosos neste debate de epistemologia da comunicação, destaca-se Martino, que entende que “[...] em sua acepção mais fundamental, o termo ‘comunicação’ refere-se ao processo de compartilhar um mesmo objeto de consciência, ele exprime a relação entre consciências” (2001, p.14).

Quando o meio de compartilhar o mesmo objeto é um jornal de grande circulação, percebemos então uma relação de poder assimétrica. Aquele que faz circular seu discurso pelo jornal torna comum não aquilo pelo qual o discurso faz referência, mas o próprio discurso. A comunicação, assim, fabrica o objeto discursivo como objeto de consciência que se torna a própria realidade.

A noção de discurso enquanto prática social fica mais evidente em “Vigiar e Punir” (2001), assim como em “A ordem do discurso” (2012) e nos três volumes da “História da sexualidade” (1997). Mas é em “Arqueologia do saber” (1986), obra anterior ainda ao início da chamada fase genealógica, que Foucault demarcava melhor sua compreensão de discurso enquanto prática social:

[...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1986, p. 56)

60

O discurso enquanto prática refere-se às relações de poder e saber. Como mostra Fischer, essas práticas “implicam mutuamente, ou seja, enunciados de visibilidades, textos e instituições, falar e ver constituem práticas sociais por definição permanentemente presas, amarradas às relações de poder, que as supõem e atualizam” (2001, p. 199). É nessa perspectiva que a análise do discurso foucaultiana não tem como função desvelar uma realidade, mostrar o que estaria oculto, o que se mostraria por trás do discurso, mas, bem diferente, o discurso evidencia práticas concretas, as lutas que são travadas, as disputas estabelecidas e no interior do qual o sentido emerge produzindo um determinado objeto.

Essa realidade discursiva que se torna comum é para Deleuze e Guattari constituída por meio das palavras de ordem:

Chamamos ‘palavras de ordem’ não uma categoria particular de enunciados explícitos (por exemplo, no imperativo), mas a relação de qualquer palavra ou de qualquer enunciado com pressupostos implícitos, ou seja, com atos de fala que se realizam no enunciado, e que podem se realizar apenas nele. As palavras de ordem não remetem, então, somente aos comandos, mas a todos os atos que estão ligados aos enunciados por uma “obrigação social”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 16)

Os autores afirmam que os jornais e notícias também estão inseridos neste contexto por dizer às audiências o que é necessário pensar, reter ou esperar. Não se faz o

uso de uma linguagem informativa, mas, sim, da transmissão de *palavras de ordem*, palavras imperativas, de comando, de ordenamento, cuja função é controlar as práticas.

Mayra Gomes sugere a existência de uma interdependência nos conceitos de palavras de ordem, de Deleuze e Guattari, e de dispositivo disciplinar, concebida por Foucault:

Esse parentesco está ligado a alguns eixos, sendo o primeiro deles justamente aquele que concerne à coextensividade mencionada. Sua colocação diz respeito ao fato de que a própria linguagem é dimensionante. Antes de que se possa ver nela a capacidade de formação de discursos, existe uma propriedade anterior que diz respeito ao fato de que o aprendizado de uma língua implica em internalização de regras que colocarão coordenadas à nossa apreensão do mundo. (GOMES, 2004, p. 15)

As disciplinas, segundo Foucault, são “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (1987, p. 118).

Tanto o conceito de palavras de ordem quanto o de dispositivo disciplinar são aplicáveis ao jornalismo. Ao selecionar termos e expressões para qualificar esta ou aquela fonte ou personagem, o interlocutor recorta, hierarquiza, insere ou os exclui do plano social, como explica Gomes<sup>1</sup>.

Para Foucault, o poder não pode ser definido como uma instituição palpável e concreta, mas antes uma prática social. Para Machado (1979, p. X):

[...] não existe em Foucault uma teoria geral do poder. O que significa dizer que suas análises não consideram o poder como uma realidade que possua uma natureza, uma essência que ele procuraria definir por suas características universais. Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente.

Uma vez que se trata de uma prática social, o poder é heterogêneo, exercido nos diversos níveis da sociedade, por meio da qual se estabelece as relações de luta e dominação de forma circular. Ele pontua: “Não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros [...] O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia.” (FOUCAULT, 1979, p. 183).

O discurso, para Foucault, é um dos alicerces que sustentam o poder, constituindo as relações de poder:

Quero dizer que, em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. (FOUCAULT, 1979, p. 179)

Uma vez que o poder se constitui também a partir de saberes, é possível observar as relações entre mídia e sociedade como uma forma de poder. Por apresentar a

notícia como reflexo da realidade, a mídia ocupa um lugar de reprodutora da verdade, como conceitua Giordani.

A teoria de Foucault sobre o poder nos instiga a estender suas análises também ao que se observa em relação à mídia, isto porque os dispositivos de poder, de saber e verdade atuam, seja nos discursos, seja nos mecanismos de controle exigidos para a manutenção de situações de dominação. Os discursos veiculados pela mídia influenciam o modo como a sociedade vê e percebe a realidade, isto também porque ela se coloca como um 'espelho' diante da sociedade. (2011, p. 7)

O jornalismo se constitui como um saber, ou seja, um campo disciplinar que tece seu discurso sobre os fatos e pelo qual os acontecimentos relevantes para a sociedade são narrados. Enquanto saber, o jornalismo é exercido no interior de veículos de comunicação, dispositivos de poder por meio do qual se dá o controle dos sentidos sobre a realidade.

## 4 O VEÍCULO

O jornal diário Folha de S. Paulo foi criado em 1921, com o nome de Folha da Noite (Folha de S. Paulo). Referência no jornalismo brasileiro, a Folha de S. Paulo se manteve historicamente na vanguarda em termos de diagramação, tecnologia e linguagem, lançando em 1996 sua plataforma online.

O Grupo Folha teve grande crescimento no final da década de 1960, quando adquiriu os jornais Notícias Populares e Última Hora e fundou o Cidade de Santos e o Folha da Tarde. Segundo Pilagallo (2012), a postura pouco combativa em relação ao regime militar e as circunstâncias econômicas favoráveis facilitaram a formação do conglomerado de mídia<sup>4</sup>.

O pluralismo de vozes, reunindo colunistas de diversas tendências, começou na Folha a partir de 1974. Pilagallo aponta que a nova postura do veículo começou após uma conversa com o general Golbery, uma das figuras centrais do regime na época. "Em 16 de janeiro de 1974, pela primeira vez um editorial referia-se ao golpe militar de 1964 de maneira neutra, como "movimento", e não mais como "revolução", cuja carga semântica é positiva" (2012, p. 216).

A diversidade dos colunistas encontrou aceitação mercadológica e até hoje é uma das características do diário. Com o surgimento da Folha Online, em 1996, a Folha de S. Paulo passou, aos poucos, a criar conteúdo exclusivo para a internet. Além da produção de matérias e reportagens, o site da Folha conta também com um time de colunistas próprios, que escrevem apenas para a plataforma online. Em 2018, a Folha<sup>5</sup> bateu recorde, segundo dados do *Goole Analytcs* 360. com 64 milhões de visitantes únicos, que realizaram mais de 164 milhões de visitas. em sua página.

---

<sup>4</sup> Compreende-se por "conglomerado de mídia" como uma corporação que agregue empresas que atuem em diferentes setores. No caso do Grupo Folha, conforme consta em seu próprio site, integram o conglomerado o jornal Folha de S. Paulo, a empresa de conteúdo e serviços online UOL, o site noticioso Folha.com, a gráfica comercial Plural e outros empreendimentos do setor.

<sup>5</sup> Ver: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/folha-bate-recorde-com-64-milhoes-de-visitantes-em-outubro.shtml>>. Acesso em: 02 fev. 2012.

## 5 O COLUNISTA

Kim Patroca Kataguiri é coordenador nacional do Movimento Brasil Livre. Começou a escrever para o portal da Folha de S. Paulo em 19/01/2016, em meio a críticas de jornalistas e de outros colunistas do diário.

Nascido em 1996, Kataguiri abandonou o curso de Economia na Universidade Federal do ABC no primeiro ano por, segundo ele, considerar “saber mais que o professor”<sup>6</sup>. Cercado de polêmicas, Kim chegou a enviar uma foto das suas nádegas como resposta a um pedido de entrevista do site Diário do Centro do Mundo<sup>7</sup>.

Em pouco mais de um ano de coluna, Kataguiri colocou como foco principal da sua coluna ataques ao PT e à esquerda política em geral, entrando em atrito com outros colunistas do jornal, à época, como o coordenador nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, Guilherme Boulos, e o jornalista e Jânio de Freitas.

Muito ativo nas redes sociais, Kataguiri tinha, em 2017, mais de 370 mil curtidas na sua *fanpage* no *Facebook* e 36 mil seguidores no *Twitter*. No *Youtube*, Kataguiri é presença cativa nos vídeos do canal do Movimento Brasil Livre, que conta com quase 39 mil inscritos. Devido à sua visibilidade e papel de destaque nas manifestações pelo *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, ele foi eleito um dos jovens mais influentes do mundo em 2015, pela revista estadunidense *Time*<sup>8</sup>.

Defensor do Estado mínimo, Kataguiri é a favor da privatização das empresas estatais e do sistema público de saúde e educação. Kim identifica-se ainda como “libertário” (numa concepção estadunidense do termo), citando Ronald Reagan e Margaret Thatcher como inspirações. Apesar das críticas às intervenções estatais na vida do cidadão, Kataguiri apresenta posturas conservadoras em relação a certas liberdades individuais, colocando-se contra a legalização do aborto<sup>9</sup> e contra o estatuto do desarmamento<sup>10</sup>.

Kataguiri foi desligado da Folha, publicando sua última coluna em 14 de março de 2017. Posteriormente a essa pesquisa, nas eleições de 2018, foi eleito deputado federal por São Paulo pelo Democratas (DEM).

63

### 5.1 MOVIMENTO BRASIL LIVRE

O Movimento Brasil Livre é um movimento político brasileiro. Autodeclarado um “movimento civil que defende valores liberais e que se opõe ao PT<sup>11</sup>”, o MBL apresenta ideias de caráter neoliberal, com um discurso de Estado mínimo e autorregulação do mercado<sup>12</sup>.

<sup>6</sup> Ver: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/211134-principais-lideres.shtml>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

<sup>7</sup> Ver: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/como-tentei-entrevistar-o-lider-kim-do-mbl-e-recebi-uma-selfie-dele-como-resposta/>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

<sup>8</sup> Ver: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/kim-kataguiri-criador-do-movimento-brasil-livre-esta-entre-os-jovens-mais-influentes-do-mundo-7qx2o61t3wl0eqdjh6z15sc5>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

<sup>9</sup> Ver: <<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/kim-kataguiri-grava-video-contra-legalizacao-do-aborto>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

<sup>10</sup> Ver: <<http://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/lider-de-movimento-pelo-impeachment-posita-armado-e-ataca-estatuto-do-desarmamento.html>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

<sup>11</sup> Ver: <<http://www.huffpostbrasil.com/movimento-brasil-livre/>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

<sup>12</sup> Ver: <<https://mbl.org.br/propostas/>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

Criado em novembro de 2014, no mesmo dia de uma manifestação contra o governo Dilma Rousseff, o Movimento Brasil Livre tornou-se um dos protagonistas do processo de *impeachment* da ex-presidenta, convocando protestos por todo o Brasil<sup>13</sup>.

A origem do movimento remete ao Instituto de Estudos Empresariais (IEE), *think tank* de inspiração neoliberal financiada por grandes grupos econômicos brasileiros e internacionais, conforme aponta a reportagem da Agência Pública<sup>14</sup>. Fundado em 1984, o IEE promove encontros e fomenta o crescimento do pensamento neoliberal no Brasil. Ainda segundo a matéria, Movimento Brasil Livre seria o nome que outra organização, a Estudantes Pela Liberdade, escolheu para sua ida às ruas.

Popular nas redes sociais, o MBL possuía, até 2017 quando a pesquisa foi realizada, mais de 2 milhões de curtidas no *Facebook*, 63 mil seguidores no *Twitter* e quase 39 mil inscritos no canal do *Youtube*.

Apesar de se declarar apartidário, o MBL tem relações claras com partidos políticos de direita no Brasil, com membros do núcleo do movimento em quadros de partidos como PSDB, DEM, PRB. O rápido crescimento do MBL também levantou suspeitas acerca do financiamento do grupo: de acordo com uma reportagem publicada no portal UOL<sup>15</sup>, o grupo recebeu apoio financeiro e logístico dos partidos PMDB, Solidariedade, Democratas e PSDB.

## 6 A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO INIMIGO

A descrição dos textos Kim Kataguiri, assim como o perfil do jornal Folha de S. Paulo e do MBL, evidencia uma cartografia das relações de poder que dá as condições para a produção e circulação do discurso e pelo qual a enunciação não faz aparecer um objeto para além do próprio dizer, mas, bem ao contrário, fabrica o objeto, delimita seus contornos, regula seu sentido. Como veremos, entre os objetos criados, o sentido de espontaneidade nas manifestações, o maniqueísmo entre esquerda e direita, a construção do Movimento Passe Livre (MPL) como terroristas etc.

64

### 6.1 O IMPEACHMENT COMO MOVIMENTO POPULAR

Durante o período selecionado para este trabalho, é recorrente na coluna de Kataguiri a construção de um discurso de luta popular para o *impeachment*. Ele destaca diversas vezes que o processo contra Dilma Rousseff ocorreu “única e exclusivamente por pressão popular”, colocando o povo, ao lado do próprio MBL e demais movimentos do gênero, no protagonismo de todo o processo.

Apesar de mencionar, com o passar do tempo, a participação de partidos de oposição e de organizações de classes nas manifestações, em um primeiro momento evidencia-se a tentativa do autor de tornar a demanda pela saída da presidenta uma vontade que emanava puramente do povo, resultado direto do descontentamento com o fracasso econômico.

<sup>13</sup> Ver: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2015-03-12/roqueiro-e-ativista-na-web-lider-anti-dilma-defende-privatizar-saude-e-educacao.html>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

<sup>14</sup> Ver: <<http://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

<sup>15</sup> Ver: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/27/maquina-de-partidos-foi-utilizada-em-atos-pro-impeachment-diz-lider-do-mbl.htm>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

No texto de 09/02/2016, intitulado “#EsseImpeachmentÉMeu”<sup>16</sup>, o autor aponta os motivos que teriam levado o povo, e não a classe política, a exigir a saída de Dilma. “O desemprego, a inflação, os altos impostos, a impunidade e a paralisia política não incomodam o establishment. Incomodam o povo. Principalmente a parcela mais pobre, que sente no estômago o desastre petista” (KATAGUIRI, 2016a).

Com o desenrolar dos eventos do *impeachment*, o autor começa a inserir no discurso a atuação de políticos da oposição, ainda que sem nomeá-los nem mencionar os partidos. Esses personagens são meros coadjuvantes na narrativa do *impeachment* de Kataguiri, que atribui a “força gigantesca” como emanada do povo. Na coluna “Festa brasileira, velório petista”<sup>17</sup>, de 15/03/2016, considera que “milhões de brasileiros nas ruas deram uma força gigantesca aos parlamentares que defendem o impeachment” (KATAGUIRI, 2016j).

Mesmo após a aprovação do impedimento no Congresso e o arrefecimento das manifestações de rua, Kataguiri ainda argumenta utilizando-se do número de pessoas nesses atos para totalizar a população brasileira. Cria-se, então, um forte maniqueísmo entre manifestantes pró e contra a permanência de Dilma Rousseff.

## 6.2 A PUREZA DO MANIFESTANTE VERSUS A CORRUPÇÃO PETISTA

No decorrer das colunas, observa-se a criação de um maniqueísmo entre aqueles que defendem a saída de Dilma e os que são contrários ou críticos ao processo. No texto “Sair às ruas, entrar para a história”<sup>18</sup>, de 08/03/2016, o colunista considera o manifestante pró-*impeachment* como membro de “uma maioria esmagadora da população” (KATAGUIRI, 2016b), que está cansada da corrupção e insatisfeita com os rumos econômicos do país. Do outro lado, o “petismo”, àqueles que não estão totalmente de acordo com a retirada imediata da presidenta.

A construção de uma narrativa que criminaliza aqueles que entram no horizonte de oposição à posição discursiva de Kim Kataguiri é o tema mais recorrente na sua coluna. Já em sua primeira publicação na Folha de S. Paulo, o autor escreve sobre as manifestações do Movimento Passe Livre (MPL) em São Paulo. No texto, a criminalização do MPL, a quem ele chama de “camisas negras da catraca”<sup>19</sup>. A volta a 2013 parece construir de vez uma barreira semântica entre aqueles que participaram das “Jornadas de Junho” de forma positiva e negativa, na visão de Kataguiri. Para o colunista, “eles não se organizam simplesmente para cometer crimes. Espalham o medo generalizado. Quem já acompanhou uma manifestação do MPL sabe bem quão caótico é o cenário deixado pelos *black blocs*” (KATAGUIRI, 2016m).

Conforme surgem nos seus textos, partidos de esquerda, centrais sindicais e movimentos sociais são continuamente deslegitimados, e caracterizados como autoritários, truculentos e orgânicos, seguidores fiéis de lideranças apresentadas como

<sup>16</sup> Ver: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/02/1738011-esseimpeachmente-meu.shtml>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<sup>17</sup> Ver: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/03/1749957-festa-brasileira-velorio-petista.shtml>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<sup>18</sup> Ver: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/03/1747374-sair-as-ruas-entrar-para-a-historia.shtml>>. Acesso em: 19 mai. 2017.

<sup>19</sup> Ver: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/01/1731011-passe-livre-para-o-terrorismo.shtml>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

não-confiáveis. Um exemplo é a segunda publicação<sup>20</sup>, onde o discurso constrói os membros do MTST como violentos e os adeptos do MBL como ordeiros e pacíficos. “[...] militantes do MTST, que Boulos comanda com mão de ferro e cabeça de jericó, nos atacaram a pauladas, pedradas, socos e chutes. Vários de nós ficaram feridos. Apesar disso, não reagimos, demos as mãos e ficamos de costas para os criminosos.”

Chama a atenção o emprego da palavra “militante”, presente em diversos textos ao longo da análise. O termo recebe uma carga evidentemente negativa, usado para descrever um sujeito fanático e violento. No discurso de Kataguiri, militante torna-se o antagonista de manifestante.

É óbvio que foram ordeiros. Quebra-quebra é coisa de criminoso que esconde o rosto e pratica terrorismo em nome de uma rebeldia a favor. Violência é prática de militantes que dizem defender a democracia, mas agridem profissionais da imprensa, pregam discursos de ódio e perseguem opositores políticos. Coisa de verdadeiros fascistas vermelhos. (KATAGUIRI, 2016j)<sup>21</sup>

É relevante destacar ainda que o militante possui ideologia. Associados aos partidos de esquerda, preferencialmente ao PT, os militantes estão dispostos a defender a qualquer custo seu “projeto de poder”. Obedecem cegamente às ordens dos superiores, sendo capazes de chegar às vias de fato. Um exemplo está presente no texto “Se prenderem o Lula, o país vai ferver”<sup>22</sup>, de 22/03/2016.

Lula, em discurso, incitou a militância petista contra aqueles que tomaram as ruas em defesa do Brasil. “Corte uma veia deles para ver se o sangue deles é verde e amarelo. É vermelho igual ao nosso!”, disse o petista, que sempre discursou em defesa dos direitos humanos. (KATAGUIRI, 2016c)

66

É válido destacar a apropriação de termos promovida pelo autor para se criticar os seus adversários políticos. Kataguiri utiliza palavras comumente associadas a uma crítica à direita e redireciona para a esquerda, ressignificando expressões e criando o “Coxinha vermelho” e “Fascistas vermelhos”.

A criação de um discurso de apenas dois lados fica ainda mais perceptível quando o colunista utiliza o termo “isentões” – no texto “‘Novas eleições’ é o novo #FicaDilma”<sup>23</sup> – para classificar a parte da população que desejava novas eleições. O discurso de Kataguiri invalida essa terceira possibilidade, acusando quem apoia essa solução de estar apoiando Dilma.

Quem está no muro das “novas eleições” está com Dilma. A única posição ao mesmo tempo honesta e sensata a se adotar em relação ao governo mais

<sup>20</sup> Ver: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/01/1733280-que-coisa-feia-boulos.shtml>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

<sup>21</sup> Ver: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/03/1749957-festa-brasileira-velorio-petista.shtml>>. Acesso em: 10 de jun. 2017.

<sup>22</sup> KATAGUIRI, Kim. Se prenderem o Lula, o país vai ferver. Ver: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/03/1752501-se-prenderem-lula-o-pais-vai-ferver.shtml>>. Acesso em: 11 de jun 2017.

<sup>23</sup> Ver: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/04/1759780-novas-eleicoes-e-o-novo-ficadilma.shtml>>. Acesso em: 11 de jun. 2017.

corrupto e incompetente da história do país é defender o impeachment. Todo o resto é fumaça vermelha.

Mas o que talvez seja o melhor exemplo desse discurso maniqueísta está no texto "Sair às ruas, entrar para a história"<sup>24</sup>. Às vésperas de uma grande manifestação de rua agendada, o colunista compara o governo a um dragão, um inimigo a ser exterminado. "O governo Dilma é um dragão muito ferido, mas ainda é um dragão. Se não aproveitarmos o momento para aniquilá-lo, segundo os instrumentos que a democracia oferece, continuará a cuspir fogo nas instituições, mesmo agonizante."

Essa caricatura daqueles que não apoiam o *impeachment* de Dilma, feita com a contínua atribuição de palavras de ordem que dividem os sujeitos em posições opostas, acaba por estigmatizar e inviabilizar um diálogo profundo sobre o tema.

### 6.3 "PETISMO": O INIMIGO QUE NÃO DESCANSA

O "Petismo" é uma preocupação presente no discurso de Kataguiri. É o inimigo superior a ser combatido, que vai além do *impeachment* da presidenta Dilma, e se disfarça na sociedade. Na publicação "O Petismo Verde"<sup>25</sup>, de 29/03/2016, ele fala sobre Marina Silva e seu partido, o Rede Sustentabilidade, e como essa seria uma sobrevivência do Partido dos Trabalhadores.

O fim do governo do PT não significa o fim do petismo. Lula e Dilma já estão eleitoralmente acabados. Mas o espírito de seu método de governo permanece vivo e representado por uma poderosa força política, que, assim como o PT de outrora, apresenta-se como messias da honestidade, de "origem humilde" e alternativa para os que querem "mudança". Por isso, temos de ficar em alerta. Não importa quantas penas o adornem, quantos cipós o envolvam ou quanto urucum lambuze o seu rosto: o petismo será sempre petismo. (KATAGUIRI, 2016d)

67

Kataguiri argumenta que o Brasil estaria sob uma "ditadura petista", funcionando por meio de propinas e esquemas, sendo que o governo assumiria os papéis de corrupto e corruptor. É notável, no entanto, que o colunista não advoga por um processo revolucionário, mas sim por uma defesa às instituições e à lei.

Na verdade, já passou da hora de nos rebelarmos contra esse establishment. Não é preciso ser jovem para isso. É preciso ter uma dignidade que não se vende nem se compra. Num país em que a esculhambação é a regra, defender as instituições e o império da lei é que é revolucionário. (KATAGUIRI, 2016d)

O PT, na visão de Kataguiri, sobrepasa a noção de partido político e é descrito, num tom quase conspiratório, como uma união de diversos setores sociais. Um exemplo dessa caracterização aparece na coluna "A hipocrisia petista e o paradoxo do *impeachment*", onde se lê: "Então quer dizer que a estrutura gigantesca de pelegos do

<sup>24</sup> Ver: < <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/03/1747374-sair-as-ruas-entrar-para-a-historia.shtml>>. Acesso em: 11 de jun. 2017

<sup>25</sup> Ver: < <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/03/1754791-o-petismo-verde.shtml>>. Acesso em: 11 de jun. 2017

petismo –que envolve blogs, revistas, jornais, movimentos estudantis e centrais sindicais– é mantida com ‘pouco recurso?’” (KATAGUIRI, 2016l).

Apesar de todo o poderio, o “petismo” é, em seu discurso, irracional e quase animalesco, incapaz de debater. As *palavras de ordem* associadas são “ignorância” e “rancor”. Podemos identificar esse tipo de construção no texto “O rosto cuspido e escarrado do petismo”<sup>26</sup>, em que o autor utiliza reações de grupos contrários ao *impeachment* para ilustrar o “petismo”.

Os defensores do governo não se satisfizeram em nos causar nojo ideológico com seu discurso hipócrita e autoritário. Decidiram nos causar nojo físico. A cusparada tornou-se símbolo máximo do pensamento petista. No lugar do diálogo e da tolerância, a ignorância e o rancor. (KATAGUIRI, 2016h)

## 6.4 ECOS DE OUTRO DISCURSO

Retomemos as palavras que ele evoca para descrever a si próprio: economicamente liberal e conservador. Apesar de falar pouco sobre propostas concretas ou do que esperava de um governo pós-*impeachment*, fica implícito na construção do seu discurso um antagonismo entre o governo petista e o modelo de estado que Kataguiri diz advogar. Essa relação fica perceptível no texto “Macri e o samba da petista doida”<sup>27</sup>, em que o autor utiliza o presidente argentino como exemplo.

O presidente argentino defende a austeridade no discurso e, tudo indica, a prática como política de governo. [...] Dilma, em seus discursos, defende um tal ajuste fiscal. [...] Na prática, vive uma vida de luxo e aprova a gastança generalizada de seus ministérios. A hipocrisia não a preocupa. É só passar a conta para o pagador de impostos. (KATAGUIRI, 2016g)

Um ponto fulcral nesse mesmo texto é o apoio à revogação da chamada “*Ley de medios*”. Promulgada em 2009 por Cristina Kirchner, a lei limitava a formação de oligopólios midiáticos e garantia uma maior democratização da radiodifusão na Argentina, conforme explica Costa Ribeiro (2012). O discurso de Kataguiri, no entanto, se alinha com a opinião das grandes corporações de mídia no Brasil, entre elas a Folha de S. Paulo. O colunista escrevia: “Macri derrubou um dos símbolos da política *kirchnerista*, a lei contra a concentração dos meios de comunicação audiovisuais, que obrigava o principal veículo da imprensa, o Clarín, a diminuir seu investimento na área. Liberdade de imprensa” (KATAGUIRI, 2016g).

O autor, no entanto, procura sempre se aproximar de uma posição mais popular, apontando para o governo Dilma e para o PT como quem verdadeiramente beneficia a elite econômica. É o que ele argumenta em “O chororô dos desesperados”<sup>28</sup>, no qual afirma que as chamadas pedaladas fiscais não tiveram seus recursos destinados para

<sup>26</sup> Ver: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/04/1764488-o-rosto-cuspido-e-escarrado-do-petismo.shtml>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

<sup>27</sup> Ver: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/02/1736130-macri-e-o-samba-da-petista-doida.shtml>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

<sup>28</sup> Ver: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/03/1744768-o-chororo-dos-desesperados.shtml>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

programas sociais. “A maior parcela dos recursos das pedaladas foi destinada a subsídios para grandes empresas e empréstimos para o agronegócio. Ou seja, o crime que derrubará o governo ‘para os pobres’ foi cometido para beneficiar uma elite econômica” (KATAGUIRI, 2016f).

É perceptível a tentativa de Kataguiri de se distanciar da sua posição discursiva. Na coluna “Sonhos do Japonês”<sup>29</sup>, ele inicia ironizando acusações de que ele estaria associado à elite econômica.

Às vezes –quando não estou recebendo dólares ensopados de petróleo de bilionários americanos, conchavando golpes mirabolantes com meus comparas tucanos ou jogando tênis no Qatar com meu grande amigo Cunha–, penso sobre como a política e a sociedade brasileiras poderiam ser diferentes (KATAGUIRI, 2016e).

Ao se justificar, o autor procura se afastar do seu próprio discurso, esquivando-se do que está evidente. Sua fala não diz respeito a se ele de fato recebeu ou não dinheiro estrangeiro ou se Cunha está por trás de sua política, mas sim que seu discurso está alinhado com os interesses desses grupos aos quais ele diz não fazer parte.

## 7 CONSIDERAÇÕES

Este estudo se propôs a analisar os discursos do colunista Kim Kataguiri durante o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, utilizando o conceito de discurso de Michel Foucault. Pode-se observar a posição discursiva do autor a partir de um conjunto de enunciações que, por sua vez, constrói um objeto discursivo, ou seja, uma realidade que é dada a ver.

A coluna de Kim Kataguiri constrói um discurso maniqueísta durante o processo do *impeachment* de Dilma Rousseff, que não se reduz a simples problematização dos fatos, revelando um discurso implicado numa teia de poderes. A constante antagonização entre as parcelas da população contrárias ou a favor da saída da presidenta, sedimentada por palavras de ordem que, por definição, demandam ações, aprofundam ainda mais a polarização de ideias.

O discurso de Kim Kataguiri atua de modo a negar a determinados partidos ou pensamentos sua legitimidade, ao mesmo tempo em que constrói uma narrativa redentora e inquestionável para alguns atores do impedimento da ex-presidenta. Em contrapartida, Kim, na sua função autor, tenta legitimar sua posição discursiva como consequência de uma demanda popular.

A realidade construída pelo colunista, ecoando vozes de determinados segmentos da sociedade, não abre espaço para o diálogo. O discurso funciona de forma imperativa, por palavras de ordem. Mesmo que a coluna em um jornal tem a função de expressar a opinião individual, o espaço concedido pelo veículo ao autor não está desarticulado de uma rede de relações que confere a ele e ao jornal poder. Assim, o discurso de Kim tem uma função nessa teia discursiva em que ele passa a ser uma espécie de “porta-voz”.

Ao hospedar e respaldar a coluna de Kataguiri, a Folha de S. Paulo, mesmo que não diretamente, está implicada com o discurso. Ainda que seja interessante e confere

<sup>29</sup> Ver: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/05/1774507-sonhos-do-japones.shtml>>. Acesso em: 15 de jun. 2017.

credibilidade ao jornal a diversidade de pensamentos das colunas opinativas, a reflexão acerca de quais discursos serão proliferados é necessária.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia**. v. 2. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 197-223, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>>. Acesso: 16 mar 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul (orgs.). **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1985.

GIORDANI, Rosselane Liz. **As Relações de Poder Exercidas através do Discurso**. Covilhã: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2011. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/giordani-rosselane-as-relacoes-de-poder-exercidas-atraves-do-discurso.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e filosofia da comunicação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

KATAGUIRI, Kim. #EsselmpachmentÉMeu. *In*: **FOLHA de S. Paulo**. São Paulo, 09 fev 2016a. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/02/1738011-es-seimpeachmentemeu.shtml>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Sair às ruas, entrar para a história. *In*: **FOLHA de S. Paulo**. São Paulo, 08 mar 2016b. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/03/1747374-sair-as-ruas-entrar-para-a-historia.shtml>>. Acesso em: 19 mai. 2017.

\_\_\_\_\_. Se prenderem Lula, o país vai ferver. *In*: **FOLHA de S. Paulo**. São Paulo, 22 mar 2016c. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/03/1752501-se-prenderem-lula-o-pais-vai-ferver.shtml>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

\_\_\_\_\_. O petismo verde. *In*: **FOLHA de S. Paulo**. São Paulo, 29 mar 2016d. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/01/1731011-passe-livre-para-o-terrorismo.shtml>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

\_\_\_\_\_. Sonhos do Japonês. *In*: **FOLHA de S. Paulo**. São Paulo, 24 mai 2016e. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/05/1774507-sonhos-do-japones.shtml>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. O chororô dos desesperados. *In*: **FOLHA de S. Paulo**. São Paulo, 1º mai 2016f. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/03/1744768-o-chororo-dos-desesperados.shtml>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Macri e o samba da petista doida. *In*: **FOLHA de S. Paulo**. São Paulo, 2 fev 2016g. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/02/1736130-macri-e-o-samba-da-petista-doida.shtml>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. O rosto cuspido e escarrado do petismo. *In*: **FOLHA de S. Paulo**. São Paulo, 26 abr 2016h. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/04/1764488-o-rosto-cuspido-e-escarrado-do-petismo.shtml>>. Acesso em 12/06/2017>. Acesso em: 12 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Novas eleições e o novo fica Dilma. *In*: **FOLHA de S. Paulo**. São Paulo, 12 abr 2016i. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/04/1759780-novas-eleicoes-e-o-novo-ficadilma.shtml>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Festa brasileira, velório petista. *In*: **FOLHA de S. Paulo**. São Paulo, 15 mar 2016j. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/03/1749957-festa-brasileira-velorio-petista.shtml>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. A hipocrisia petista e o paradoxo do impeachment. *In*: **FOLHA de S. Paulo**. São Paulo, 31 maio 2016l. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/05/1776644-a-hipocrisia-petista-e-o-paradoxo-do-impeachment.shtml>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Passe livre para o terrorismo. *In*: **FOLHA de S. Paulo**. São Paulo, 19 jan 2016m. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/colunas/kim-kataguiri/2016/01/1731011-passe-livre-para-o-terrorismo.shtml>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

HARVEY, David; MARICATO, Ermínia; ŽIŽEK, Slavoj; DAVIS, Mike et. al. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MARTINO, Luiz C. De qual comunicação estamos falando? *In*: HOLDFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). **Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001

PILAGALLO, Oscar. **História da imprensa paulista**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

RIBEIRO, Bráulio Costa. O modelo de desconcentração do mercado audiovisual da Argentina proposto pela nova Lei de Meios. *Revista de Estudios para el Desarrollo Social de la Comunicación*, Instituto Europeo de Comunicación y Desarrollo, Sevilha, v. 1, n. 6, pp.9-11, 2011.

VENERA, José Isaías. O real como impossibilidade do objeto da comunicação: uma articulação com a semiótica lacaniana. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, São Leopoldo, v. 21, n. 3, p. 41-50, set./dez. 2019. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2019.213.04>>. Acesso: 16 mar 2021.

\_\_\_\_\_. **Da cólera ao acontecimento junho 2013: do que escapa à representação em Deleuze e Lacan.** 231f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2017.